



Editorial: Edição Especial Dossiê

Inovação e Aprendizagem Ativa na Educação Superior

Diante da estratégia proposta e defendida por todos os artigos que compõem este dossiê intitulado ***Inovação e Aprendizagem Ativa na Educação Superior*** da *Pleide* – Revista Científica Eletrônica do Centro Universitário Uniamérica – a Educação Superior é tratada como uma estratégia do campo de ensino, pesquisa e extensão universitária para a criação de uma nova modernidade.

A necessidade de compreender a função da Educação Superior neste século XXI nos remete à busca dos significados e dos sentidos que o sistema educativo universitário tem – ou deveria ter – diante da formação de novas gerações criativas e inovadoras. Portanto, é uma estratégia fundamental para a significação e importância das Instituições Universitárias em práxis de educação e formação focadas na inovação e na aprendizagem ativa – transformações necessárias nos tempos pandêmicos que estamos vivendo no presente.

Com o entendimento da educação, em todos os seus níveis formativos – básico, médio, técnico e universitário –, como uma construção da modernidade, que impõem um único modelo da cultura, privilegiando uma forma particular de civilização, com um indivíduo emancipado, porém conformado com as imposições do Estado, percebemos que as instituições educativas realizam, em sua maioria, um trabalho tradicional que visa o controle, tornar dócil a consciência, isto é, almejam um indivíduo normalizado.

Nos tempos presentes, contemporâneos, em grande medida a educação tradicional funciona da mesma forma, transmitindo informações, que são prontas e moldadas, o que não incentiva a criação e a reflexão sobre a realidade. Esta forma de ensinar não torna os sujeitos com ela envolvidos capazes de compreender e significar as realidades em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto.

Focando em práticas tradicionais do ensino universitário, é legítimo afirmar que parte dos estudantes que se formam em seus cursos de graduação todo ano não conseguem estabelecer uma relação entre o que viveram e aprenderam na instituição universitária, com a realidade fora dela. É fácil reconhecer como a educação tradicional, filha privilegiada do movimento intelectual Iluminista, especialmente no *Século das Luzes* (Século XVIII), exerceu e continua exercendo um poderoso influxo egocêntrico. As instituições conservadoras e tradicionais estão “reforçando de maneira persistente a tendência etnocêntrica dos processos de socialização, tanto na delimitação dos conteúdos e valores do currículo que refletem a história da ciência e da cultura da própria comunidade como na maneira de interpretá-los como resultados acabados, assim como na forma unilateral e teórica de transmiti-los e no modo repetitivo e mecânico de exigir aprendizagem” (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 35).

Esta forma de educar, no campo de formação universitária, não cabe mais na sociedade contemporânea, imposta pela globalização da economia de livre mercado, pela extensão das democracias formais como sistema de governo, pela hegemonia dos meios de comunicação de massa, ao alcance e agilidade das informações a todos os cantos do planeta, marcada por um pensamento que enfatiza a descontinuidade, a carência de fundamentos.

Exigir aprendizagem pela repetição mecânica de conteúdos não educa ninguém para viver no mundo e na cultura do tempo presente em que estamos inseridos. Para educar é preciso encorajar a interpretação, a significação, encorajando inclusive a emoção e a diversidade de alternativas explicativas e práticas. Ou seja, é estratégico, para garantia de preservação e qualificação da condição humana e dos contextos em que estamos inseridos no presente, reconhecer e praticar especialmente no espaço universitário a Inovação e a Aprendizagem Ativa.

A Educação Superior, que caracteriza as Instituições Universitárias, não pode transmitir nem trabalhar dentro de um único modelo de pensar. Toda a prática educativa deve experimentar e executar a vinculação dos conhecimentos que já foram criados, produzidos e reproduzidos como alternativas criativas de exercícios de novos conhecimentos. Isso é educar! Mas, somente produz bons resultados quando as qualidades e as limitações, isto é, a diversidade de habilidades físicas, intelectuais, culturais de todos os envolvidos, forem reconhecidas.

Antigamente as relações entre os diferentes níveis de educação e as culturas sociais em que estavam inseridas as instituições responsáveis eram no máximo duas: ou como reprodutoras de uma cultura dominante, ou forçando uma luta contra a cultura hegemônica. Hoje a instituição educacional, especialmente a responsável pela Educação Superior deve, ou melhor, necessita, de forma inovadora, ser o espaço de cruzamento de conhecimentos produzidos, referências culturais e tecnológicas. Produzindo e criando novas práticas sociais, culturais e econômicas para além das normas e das imposições tradicionais. Repetir mecanicamente não é educar!

Inovar e Agir em contextos individuais e sociais é participar politicamente da construção de garantias de qualificação do humano. E, principalmente, da construção de uma unidade social que valoriza e reconhece o papel transformador da nossa diversidade no existir e no formar e transformar sujeitos em permanente formação.

Este dossiê ***Inovação e Aprendizagem Ativa na Educação Superior*** da Pleiade – Revista Científica Eletrônica do Centro Universitário Uniamérica é um estímulo provocante e estimulador de novas práticas na Educação Superior. Uma leitura e reflexão motivadora necessária diante das realidades sociais do tempo atual em que estamos inseridos.

Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha
Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
jlcunha11@yahoo.com.br

REFERÊNCIA

GÓMEZ, Pérez. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre: ARTMED, 2001.